

USO DO TERRITÓRIO PARA INOVAÇÃO

the use of the territory for innovation

Giovana Mendes Oliveira *

Resumo

Na dinâmica da sociedade capitalista ocorre uma constante reorganização dos atores hegemônicos para a obtenção de maiores percentuais de lucratividade; com isso novos usos são feitos do território. No momento atual observa-se a produção de territórios para gerar inovação, aqui entendida como produção de uma novidade para o mercado. Esse fenômeno não é homogêneo no mundo; localiza-se em cidades e produz diferenciações nessas áreas. Os novos territórios nas cidades são materializados por aglomerações chamadas tecnopolos, parques tecnológicos e até mesmo incubadoras tecnológicas. Sua materialidade é produzida a partir de ações destes atores sinérgicos, como poder público, empresas e universidades. O presente trabalho busca mostrar esse processo a partir de um estudo de caso de Caxias do Sul-RS, um município brasileiro que abriga um forte polo metal mecânico. Apresentam-se como atores hegemônicos as empresas exportadoras, a universidade e também as médias empresas.

Palavras-chaves: Cidades, Territórios, Inovação, Competitividade.

Abstract

In the dynamics of capitalist society, a constant reorganization of hegemonic actors occurs in order to obtain higher percentages of profitability with the consequence that territories are used in a new way. In the present time, it is possible to see the production of territories to generate innovation, which is here understood as the production of a novelty for the market. This phenomenon is not homogeneous in the world; it is located in towns and produces differentiations in these areas. The new territories in the cities are materialized by agglomerations called technology hubs (tecnopolos), technology parks, or even technology incubators. Their materiality is produced from actions taken by such synergetic actors, such as public authorities, companies and universities. This paper aims to show this process based on a case study in the city of Caxias do Sul, in the State of Rio Grande do Sul, a Brazilian municipality which is home to a powerful metal-mechanical hub. Hegemonic actors there are export industries, university, and also mid-sized businesses.

Key words: Cities, Territories, Innovation, Competitiveness.

Resumen

En la dinámica de la sociedad capitalista ocurre una constante reorganización de los actores hegemónicos para la obtención de mayores porcentajes de lucro; con eso nuevos usos son realizados del territorio. En el momento actual se observa la producción de territorios para generar innovación, aquí entendida como producción de una novedad para el mercado. Este fenómeno no es homogéneo en el mundo; se localiza en ciudades y produce diferenciaciones en esas áreas. Los nuevos territorios en las ciudades son materializados por aglomeraciones llamadas tecno-polos, parques tecnológicos y hasta incluso incubadoras tecnológicas. Su materialidad es producida a partir de acciones de estos actores sinérgicos, tales como el poder público, las empresas y las universidades. El presente trabajo busca mostrar ese proceso a partir de un estudio de caso de Caxias do Sul (estado de Río Grande do Sul), un municipio brasileño que abriga un fuerte polo metal-mecánico. Se presentan como actores hegemónicos las empresas exportadoras, la universidad y, también, las empresas medianas.

Palabras claves: Ciudades, Territorios, Innovación, Competitividad.

(*) Profª. Drª. da Universidade Federal de Pelotas - Rua Cel. Alberto Rosa, 154, CEP: 96.010-770, Pelotas (RS), Brasil. Tel: (+55 53) 3284 5523 - geoliveira.ufpel@gmail.com

INTRODUÇÃO

As cidades, desde que foram criadas, assumiram diversos papéis na sociedade; passaram de locus de segurança, para locus político e por fim locus econômico; isso não significa, contudo, que uma designação exclua a outra, o próprio processo histórico e espacial foi acrescentando papéis a elas.

Enquanto locus também econômico, a cidade recebe a produção industrial, que somado ao comércio e aos serviços, fizeram dela um importante vetor da economia. Este fenômeno se ancorou na lógica capitalista. Desse modo, comércio, serviço e indústria começaram a se desenvolver sob a lógica do lucro, e a cidade passou a ser produzida para gerar lucratividade. Nesse contexto, Soja, quando se refere a este momento, o denomina de terceira revolução urbana.

Essa afirmação clarifica o novo momento das cidades sob a lógica do capital. Ele vai moldando e gerando processos semelhantes a sua imagem, como é o caso de bairros desiguais com relação ao poder aquisitivo e à infraestrutura urbana; ou centralização e descentralização das atividades econômicas conforme a valorização do espaço. E dessa lógica resulta uma constante transformação da urbe para atender as necessidades do capital. Desse modo, é correto afirmar que o capital não é um ente abstrato; ele é gerido por pessoas, atores que no dizer de Santos (1994b) são hegemônicos. Ressalta-se, no entanto, que não são unicamente esses atores que produzem a cidade, os não hegemônicos também o fazem, como é caso das favelas ou dos grupos de economia solidária.

O IMPERATIVO DA INOVAÇÃO

No momento atual do capitalismo novas formas de manter a lógica da competitividade e da lucratividade se impõem. Os avanços tecnológicos impulsionaram o mercado a cada vez mais produzir objetos técnicos, envolvendo a sociedade na busca maiores inovações. Este novo passa pela criação e pela ideia, mas não é apenas isso. É uma novidade que é pensada, refletida, carregada de ciência e tecnologia e deve servir ao mercado, o novo deve conter inovação tecnológica.

Verifica-se, então, que na sociedade atual a competitividade está ligada à ideia de inovação; isso tem se transformado em um grande imperativo na economia do século XXI. Observando esse fato, Harvey aponta que:

As ondas de profunda mudança tecnológica e de inovação e melhoria de produtos que vem varrendo o mundo desde a metade dos anos 1960 oferecem um importante objeto a toda pesquisa que enfoque as transformações recentes da economia mundial. Claro que houve muitas fases semelhantes de inovação tecnológica na longa história precedente do capitalismo. As inovações tendem a ocorrer de maneira agregada (por uma variedade de razões frequentemente sinérgicas). Temos, sem dúvida, vivido nos últimos tempos um tal período concentrado de mudanças. Mas o que pode haver de mais espacial agora é o ritmo e o grau de transferência e imitação de tecnologia entre as, e no interior das diferentes zonas da economia mundial. (2004, p. 90).

A partir das afirmações de Harvey, pode-se perceber que a inovação não é uma novidade no contexto capitalista, além do que também é verdadeiro que hoje ela apresenta características diferentes. Inovar é uma ferramenta utilizada pelas empresas para competir. Elas inovam tanto no processo como no produto, impulsionando cada vez mais o mercado a investir em tecnologias inovadoras. Ainda que sejam as empresas privadas as que coloquem as inovações no mercado, as universidades e o poder público também estão ligados a esse processo.

Ao analisar esse momento, Santos (1994b) o definiu muito bem como o meio técnico científico informacional. O que acontece é que a sociedade capitalista precisa cada vez de objetos técnicos, não só porque um objeto técnico move o outro, mas porque a sociedade faz uso deles. Dessa forma, lucrar significa inovar, criar novidades que passam por uso intensivo de tecnologia. A tecnologia precisa da informação e da ciência, pois o conhecimento é valioso para desenvolver inovações. Daí vivermos em um mundo onde universidades e centros de pesquisa deixam de ser apenas lugares para



aprendizagem, e cada vez mais se tornam lugares que desenvolvem conhecimentos tecnológicos para aumentar as taxas de lucratividade do capital. Tecendo uma análise acerca desse processo, Latour (2000) cunhou o termo tecnociência para caracterizar essa união entre técnica e ciência a serviço das empresas.

O conhecimento nesse processo está se resignificando. Até bem pouco tempo, ele estava ligado apenas ao domínio de tecnologias menos complexas, como operar máquinas, e de habilidades mais simples, como ler, escrever e calcular. Com o crescente desenvolvimento das tecnologias, da qualidade dos produtos e do aprimoramento da gestão de pessoas e materiais na empresa, passa-se a exigir maior qualificação, entendida esta não só no domínio da escolaridade, mas também no domínio de competências – como idiomas ou maior capacidade de reflexão. Nesse contexto, os conhecimentos codificáveis (aqueles expressos por algum meio digital ou impresso e que podem ser reproduzidos) passam a ser mais exigidos, mas não só eles, os conhecimentos tácitos (aqueles inerentes à experiência e aos conhecimentos do indivíduo ou do grupo) igualmente se fazem necessários dentro da atmosfera pró-criativa. Por isso, não é possível a equipe de engenharia (que detém o conhecimento tácito) não dialogar com um profissional da física (que detém o conhecimento codificado) sobre novos materiais para um determinado produto. Dessa forma, ainda que a empresa obtenha conhecimentos codificados, são necessários os tácitos, aqueles advindos das experiências do grupo. Esta troca entre esses conhecimentos (e as pessoas que os possuem) gera sinergia; a sinergia gera as novidades para o mercado.

Hoje a inovação, que para ocorrer necessita de tecnologia, conhecimento tácitos e codificável, não pode deixar de colocar em sinergia um conjunto de entidades, pessoas e objetos.

A REAFIRMAÇÃO DAS CIDADES

Este processo inovador se afirma nas tecnologias digitais, a telemática revoluciona o modo de vida, pois além de potencializar o cérebro humano, flexibiliza o espaço e o tempo, possibilitando cada vez mais operações à distância. Tempo e espaço flexibilizados nos levam a outra estrutura geográfica, possibilitando a dissolução das antigas hierarquias urbanas, bem como relativizando a acessibilidade do campo ao comércio e a serviços disponíveis nas cidades.

De fato, hoje é possível estar em um sítio, na zona rural, e fazer encomendas para uma luxuosa loja francesa; contudo, o centro do comando capitalista continua sendo as cidades. Obedecendo às regras de centralização, os fluxos intensos continuam voltados para as cidades, em particular, as grandes aglomerações urbanas, que persistem sendo os alicerces desse modo de produção.

Nesse sentido, verifica-se que as grandes e médias cidades seguem com grandes fluxos de pessoas, mercadorias e serviços. Daí resulta esta reafirmação de que os centros do poder estão ancorados na tendência do capital à aglomeração. Atendo-se na situação das compras pela internet, essa proposição torna-se mais evidente. Hoje se comercializa pela internet em qualquer lugar do país, seja campo ou cidade, cidades pequenas, cidades médias ou grandes; contudo os centros físicos destas compras, depósitos e centros de operações administrativas precisam estar em um ponto nos grandes centros urbanos. Pegando-se como exemplo o caso da indústria Brastemp, observa-se que ela disponibiliza todos os seus produtos pela internet, não cobra taxas de entrega e possibilita compras parceladas pelo cartão de crédito para todo o país. Nessa estrutura, é minimizada a importância das lojas locais; mais ainda, é necessário que todo este processo seja materializado em um ponto previamente escolhido. Um local onde as estruturas sejam mais abundantes. No caso da Brastemp, esse ponto está em São Paulo, na capital.

Ocorre que nas cidades, em geral nos grandes centros metropolitanos, existe infraestrutura para promover a inovação; elas detêm as redes de telefonia fixa e móvel, redes de banda larga para acesso à internet, acesso às redes de transportes, em especial aerovias e rodovias, para circulação de pessoas e objetos físicos, ambos depositários do conhecimento. Tomando-se o caso do telemarketing



no estado do RS, que pela Relação Anual de Informações Sociais – RAIS , é classificado como atividades publicitárias não especificadas, verifica-se que 62% se encontravam em Porto Alegre, o que corrobora os aspectos apresentados supra.

As bibliotecas, as livrarias, as universidades, os centros de pesquisas, também se concentram na urbe; é lá onde se promovem os grandes eventos, onde se recebem os grandes cientistas. No RS, dos 15 parques tecnológicos existentes em 2011, 40% concentravam-se na região metropolitana de Porto Alegre.

É, dessa forma, nas cidades que se concentra o maior número de pessoas com conhecimentos tácitos e codificáveis, e, como já aludido, são elas que produzem a sinergia para a geração de conhecimento. Estas pessoas concentram-se nas cidades não só por uma opção urbana, mas porque lá está o maior número de empregos ligados ao setor científico tecnológico.

Nesse contexto, todavia, cabe um olhar atento para esses processos, pois a qualquer tempo é possível uma cidade ser incorporada a nova lógica do capital e obter um status importante para a geração de novidades ao mercado. E, contando com tais possibilidades, é que cada vez mais cidades buscam se adequar às lógicas da inovação para atraírem o capital e os capitalistas.

TERRITÓRIOS NAS CIDADES

No que concerne às inovações tecnológicas, não é em toda urbe que este processo acontece, ele é visto nos parques, nas incubadoras tecnológicas e centros de pesquisas. Esses locais, que são organizados para inovação, resultam em territórios usados por aqueles que comandam o capital. O conceito é utilizado aqui no sentido dado por Santos (1994a), ou seja, algo criado pelos homens e, portanto, carregado de conteúdo político-econômico. Este é regido pelo dinheiro, e daí decorre a ideia de território usado pelo capital, mas não capital como ente abstrato, e sim aquele regido por homens que seguem a lógica capitalista e que detém o poder econômico. Pode-se, a partir daí, estabelecer que o território utilizado é fruto das ações dos grupos hegemônicos, que estando regidos pelo dinheiro, constroem territórios. Nessa linha, importante trazer aqui o próprio Santos (1994, p.16), que sobre esse tema assim se expressa: “o território usado são objetos e ações sinônimos de espaço humano, habitado. Mesmo a fluidez posta a serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí”.

Estas zonas de poder são coesões intensivas em tecnologia congregando várias empresas ligadas a um ou vários segmentos, compondo uma governança, com códigos próprios, todos ditados pela psicofera da inovação estando todos alinhados ao capital.

Nem sempre as ações promovidas resultam em territórios competitivos. Podemos ter ações que ficam no nível da psicofera e não chegam a se efetivarem para desenvolver novidades. Nesse sentido, temos ações dos atores que reestruturam antigos territórios; temos novos territórios, assim como temos apenas ações para a formação de territórios inovadores.

As zonas de poder em questão podem ser em rede ou em zona; contudo observa-se que são cada vez mais territórios redes, pois cada vez estão mais interligados com outros territórios dentro ou fora do país.

A CIDADE E O USO DE SEU TERRITÓRIO: NOVOS TERRITÓRIOS

Para exemplificar como esse processo vem ocorrendo nas cidades, lança-se mão de um estudo de caso na cidade de Caxias do Sul-RS. Essa análise está concentrada em como ela tem abrigado territórios na tentativa de se adequar ao paradigma da inovação.

Os dados obtidos em campo se apoiaram em metodologias qualitativas, por meio de entrevistas semiestruturadas com os atores envolvidos na inovação. As metodologias de bola de neve e saturação teórica sustentaram a seleção e tamanho da amostra de forma capturar o território. Estas metodologias consistem respectivamente em buscar redes de informantes, sendo estas construídas

pela indicação dos próprios entrevistados, e na decisão do término das entrevistas quando ocorre saturação teórica, ou seja os dados se repetem configurando uma saturação e os informantes indicados também se repetem. Após constatação da saturação teórica, três grupos estavam claramente identificados grandes empresas exportadoras; universidades e centros de ensino e pesquisa, e associações, na maioria de médias empresas, na forma de parques tecnológicos e arranjos produtivos.

A cidade de Caxias do Sul está situada na encosta do Planalto Sul-rio-grandense, no nordeste do estado. Foi colonizada por imigrantes italianos no século XIX e representava, em 2009, o terceiro Produto Interno Bruto – PIB, do estado, participando com 5,80% na composição do PIB estadual. O município abriga um importante polo metal mecânico, mas a industrialização é diversificada, compondo, em 2009, cerca de 42% do PIB municipal. O dinamismo industrial é comandado por fortes empresas multinacionais e nacionais com capital aberto.

É a partir de 1950 que a indústria passa a ser o motor da economia. Esta nasce de recursos acumulados do capital comercial, a partir de uma forte experiência dos imigrantes e seus descendentes com o exterior e por uma forte interlocução e apoio dos governos federal e estadual na região. É possível fazer uma periodização dos momentos da indústria: - até 1940, quando a indústria está se estruturando; - até 1980, quando ela está fortemente vinculada a um sistema fordista de produção; - e após 1980, quando a penetração de capital e as relações estrangeiras se tornam maiores .

A partir de 1980, o Brasil entra em um novo momento, passando por uma abertura política e também econômica. Nesse período, o Brasil começou a sua inserção na nova lógica capitalista. O mundo global no qual o Brasil desejava se enquadrar exigia novas formas de produção e novas relações com o conhecimento: era o mundo da inovação. Nesse panorama, as empresas caxienses deveriam se alinhar à nova lógica. Ainda em 1980, a Câmara da Indústria e Comércio, uma entidade fundamental nas ações para dinamizar o setor econômico, buscava gerenciar missões em países como Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos para visitação de empresas. Contudo, o sinalizador dos novos tempos foi a comunicação da venda do controle acionário da empresa Eberle , em 1984, e, no ano seguinte, a união da Eberle com o grupo nacional Zivi-Hércules . E cabe ressaltar que no início dos anos 2000 a empresa torna-se uma grande holding, a Mundial que passa a controlar as marcas Eberle, Hercules e Impala. A partir daí além das fusões e aquisições internacionais das indústrias como é o caso, respectivamente, das empresas Randon S.A. e Madal-Palfinger S.A . e também a transnacionalização, como é caso da empresa Marcopolo S.A.

As informações apresentadas retratam um município alinhado ao capitalismo, pois tem forte industrialização e conta com a presença de multinacionais, uma industrialização que necessita, em grande parte, das exportações para aumentar suas taxas de lucratividade. Isso tudo a torna um exemplo significativo para gerar as transformações na cidade e a organização de novas zonas de poder, pois como apontam as teses apresentadas pela literatura e defendida por empresários e governo sobre inovação, sem adaptação ao imperativo inovação, as empresas tendem a decair em competitividade e conseqüentemente em lucratividade. O que significa dizer que as empresas devem se reorganizar para inovar, criar um produto deixa de ser um acaso, um momento da empresa, a inovação deve ser produzida a todo momento na empresa e deve ser pensado como a empresa, o território e os atores devem estar preparados para isto.

Da análise desse panorama, constata-se que o alinhamento à lógica estabelecida resultou no nascimento de vários grupos que buscam desenvolver coesões intensivas em novidades, evidenciados aqui como um território. Analisando-se os elementos empíricos do caso, pode-se classificar a existência de grupos de atores que desenvolvem ações para dar um novo uso ao território. Os que comandam esse processo são as empresas de grande porte que são exportadoras. Já as pequenas e médias empresas estão organizadas em torno de entidades, tais como a ITEC-incubadora tecnológica, a SENAI-Mecatrônica , que pode ser denominada como um centro de pesquisa, a universidade e as faculdades .

As empresas de grande porte são classificadas, dessa forma, segundo seu destaque no valor de exportação, a partir de dados divulgados pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comér-



cio Exterior de 2009. Estas, mais que qualquer outro ator, por exportarem volumes significativos, estão preocupadas em se adequar às premissas impostas pelo capital para ganhar competitividade dentro e fora do país. Sua atuação básica para inovar está centrada na organização interna para a inovação e a estruturação de centros de pesquisas. A relação dessas entidades com as universidades é ainda acanhada.

Além disso, também buscam auxílio nas redes internacionais a que estão vinculadas. Um episódio muito emblemático dessas redes é a organização por parte das corporações internacionais de eventos com representantes de todas as unidades da empresa no mundo. Nesses eventos são lançados problemas/desafios aos profissionais participantes para serem resolvidos/desvendados. À equipe cabe trocar informações e chegar a soluções. Esse evento promove sinergia entre os participantes de forma que tanto conhecimentos tácitos como codificáveis, originados de várias partes do mundo, possam fluir em um mesmo sentido e gerar novidades.

Dessas interrelações, cumpre salientar que, embora o capital apareça em nossas percepções como monolítico, ele não o é, pelo simples motivo de que, existem divergências entre os próprios capitalistas. E ainda que o paradigma da inovação esteja instalado na sociedade, entre seus protagonistas, existem dúvidas sobre a opção entre cópia e a busca de novidades radicais ou incrementais. Dentre essas duas opções, a primeira envolve verificar o que existe e aplicar nas fábricas o que tem sido feito pelas outras desde décadas passadas. A segunda envolve um planejamento para criação; construindo um sistema de inovação, mobilizando para isso infraestrutura, recursos e pessoal, o que torna o processo caro e demorado. Isso atrai questionamentos sobre a viabilidade e a lucratividade com este processo, o que faz entre capitalistas dúvidas quanto aos benefícios da inovação, e isso retarda as ações a serem implementadas. De fato, o capital também tem suas disputas internas.

Como resultado físico das ações de um grupo, pode ser observada a construção do campo de provas pela empresa Randon em 2010. Com ele fica demonstrado que é possível avançar-se nos testes, melhorar a qualidade e conseqüentemente a competitividade. Esse campo serve às empresas de holding e também está localizado no limite entre Caxias do Sul com o município de Farroupilha. Esse campo de provas pode ser alocado por outras empresas fora do grupo, o que propicia uma maior interrelação entre as entidades.

O segundo grupo de atores é composto pelas empresas que estão de fato associadas. Este grupo possui denominações diferenciadas, a saber, Polo da Moda (envolve confecções e o ramo de joias; são empresas pequenas e médias), criado em 2003; Arranjo Produtivo Metal Mecânico – APL (envolve empresas do setor metal mecânico), criado em 2001; Incubadora Tecnológica – ITEC (abriga empresas embrionárias ligadas ao desenvolvimento tecnológico), criada em 1999; e o Trino Polo (organização de pequenas e médias empresas do setor de tecnologias da informação e comunicação), criado em 2002. Cada um deles partilha de ações dentro de sua organização, sendo rara alguma articulação conjunta entre o polo da moda e o APL metal mecânico, por exemplo.

Contudo, entre eles, percebem-se características comuns tais como a organização para buscar competitividade no mercado nacional e internacional. Importante salientar que existe uma governança que estimula parcerias entre os membros para o desenvolvimento de processos e produtos. Ela também promove atividades de capacitação tais como oficinas e palestras e missões para visitas técnicas. As atividades de pesquisas são ainda tímidas, mas as parcerias com o poder público e com as universidades e faculdades do município têm a intenção de avançar neste projeto. Destas organizações, o Trino Polo é o único que em 2009 já possui um centro de pesquisa. Um ponto de destaque, no que concerne à incubadora, está na articulação com o mestrado em Biotecnologia da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Um exemplo bem sucedido dessa relação foi o surgimento de uma empresa desenvolvida a partir de projetos de mestrado; é o caso da Empresa Caxiense de Controle Biológico Ltda.

Essas associações têm sido fomentadas pelo próprio capital das empresas membros e também pelo apoio do poder público. O APL e o Polo da Moda estão próximos, sediados, por outras intui-



ções, tais como Simecs e CIC. O Trino Polo e a incubadora estão concentrados na universidade, com outros agentes da inovação.

O terceiro grupo é o das instituições voltadas ao ensino e à pesquisa, composto pela universidade (possui mestrado e doutorado), pelas faculdades (desenvolvem pesquisas) e pelo SENAI-Mecatrônica. Essas instituições são as mais antigas da região e têm se renovado para atender os imperativos da novidade para o mercado; exemplo disso são as suas parcerias com os demais protagonistas. Nesse sentido, todas buscam inovar através de pesquisas para o desenvolvimento, imprimindo uma agenda dita pelo mercado, fato que fortalece a ideia de Latour (2000) sobre tecnologia. Esse processo, contudo, está limitado pela reduzida capacidade de buscar recursos para a manutenção das atividades inovativas, novamente a dificuldade dos custos de manutenção de um sistema criativo se estabelece sobre o desejo de inovar. Cabe destacar que a Mecatrônica, por meio do SENAI, tem ampliado sua capacidade de pesquisa com parcerias com uma instituição alemã, o instituto Fraunhofer.

Temos então três grupos de atores que não são simples trabalhadores; são proprietários, altos executivos, cientistas, políticos, o que confirma a denominação de atores hegemônicos.

Esse panorama, dessa forma, na sua individualidade, tem articulações diferenciadas: as empresas exportadoras, mais endógenas e conectadas com o exterior; as pequenas e médias empresas associadas; e o grupo vinculado à ciência e tecnologia com uma articulação maior com os outros dois grupos. O poder público também promove uma importante articulação; ele, embora não tenha sido aqui destacado, em vários momentos, mostra-se promovendo políticas que direta ou indiretamente os auxiliam. Dentre eles, podemos destacar aqui a legislação do Governo Federal que reduz impostos de empresas que aplicam recursos em inovação; importantes também o auxílio da prefeitura à ITEC e a participação do governo estadual na governança do Trino Polo.

Deve-se salientar também que todas essas iniciativas são jovens, e estruturaram-se a partir dos anos 2000, ainda que algumas delas sejam mais antigas, como é caso da universidade e do SENAI-Mecatrônica; no entanto, os impulsos para inovar são recentes. Em vista disso, é prematuro falar-se sobre seu sucesso ou fracasso, porém, por ora, pode-se afirmar que elas ainda não lograram objetivos de consolidar um sistema de inovação em vista dos obstáculos que encontram. Dentre as principais dificuldades estão: falta de pesquisa e falta de sinergia. A primeira não é um problema que esteja evidente, mas existe. A segunda, sim, é visível, em vista da falta de cooperação e de união para conquistar um objetivo comum. Daí que o diagnóstico desse cenário, apontado pelos próprios informantes, é tido como sendo uma cultura individualista, de cobiça e outras. No município, além disso, existe uma dificuldade de gerar capital social. Contudo, a questão que é colocada parece não ser particular do município ou dos empreendedores, mas sim do próprio capital. E vai além, esse fenômeno não é próprio das relações de redes de cooperação e sim de interesses inerentes ao processo capitalista.

Nesse panorama, contudo, ainda que os resultados das inovações não sejam largamente quantificáveis em termos de lucratividade, ao observar atentamente o desenho desse processo, verifica-se que o território está sendo usado, e o resultado desse uso são novos complexos de poder. Desse modo, ainda que se tenha pouca sinergia, cada ator com suas ações contribui para o delineamento de uma coesão a serviço de uma novidade para o mercado. Nesse sentido, eles permitem que o território seja utilizado em consonância com o que acontece em todo o mundo capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades que já formam locus de muitos processos parecem estar abrigoando mais um deles, o que evidencia uma ampliação de sua complexidade. Percebe-se que o capitalismo, para aumentar suas taxas de lucratividade, vem apostando no aumento da competitividade com a intensificação da tecnologia nos produtos e processos, gerando, dessa forma, cada vez mais novidades. Estas novidades para o mercado são processos complexos e necessitam de ações dentro e fora das empresas.



Surgem então as parcerias público e privado, o implemento da tecnociência, que significa dizer que a ciência nasce com objetivos claros de mercado, quem ganha com isto está claro que é o capital, a questão que inquietante é qual o resultado desta tecnociência para o futuro das universidades? Ao trabalharem apenas para um segmento, com um objetivo, não estaria se processando uma privatização o conhecimento?

Do ponto de vista do espaço geográfico, constata-se a necessidade de se desenvolver novos usos na cidade, originando novos territórios. Essas ações dão origem a coesões intensivas em tecnologia, ou pelo menos nascem com este objetivo, e sob o comando dos atores hegemônicos. E isso tudo acontece nas cidades, porque elas possuem as condições necessárias para esse desenvolvimento; além disso, nelas são encontradas a infraestrutura material e humana necessárias para que este processo seja exitoso.

O caso apresentado como instrumento de análise evidencia este acontecimento, em que os atores, ao dominarem o território, dão novos usos aos processos; e estes usos são, muitas vezes, complexos, contraditórios e nem sempre são exitosos, todavia, revelam, em uma escala geográfica local, a capacidade que o capital tem de difundir sua lógica.

Evidente é, desse modo, que esse processo mostra que seu êxito tende para a formação de um fosso entre os dominados e os dominadores. Em vista disso, a cidade passa a conviver, de um lado, com complexos tecnológicos avançados; e, de outro, com favelas e moradores de rua. Essa realidade nos leva a crer que a inovação não tem nada de novo no que concerne à produção de desigualdades sociais e espaciais nas cidades. Entender esse panorama geográfico é fundamental para capturar-se o grau de complexidade em que se encontra a nossa sociedade hodierna.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CASTELLS, Manuel; HALL, Peter. **Tecnópolis del mundo**: la formación de los complejos industriales del siglo XXI. Madrid: Alianza, 1994.
- DINIZ, Clélio C.; LEMOS, Mauro B. **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MENDEZ, Ricardo. El territorio de las nuevas economías metropolitanas. **EURE** (Santiago do Chile), v.33, n.100, p. 51-67, 2007.
- OLIVEIRA, Giovana Mendes de. **A organização do território sob a lógica do capitalismo atual**: um estudo de caso sobre Caxias do Sul (RS). 2010. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e território. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 1, 1999.
- SANTOS, Milton. O retorno ao território. In: **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994a.
- SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994b.
- SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Editora expressão popular, 2009.
- SOJA, Edward W. **Postmetropolis**: critical studies of cities and regions. Victoria: Blackwell, 2000.
- VELTZ, Pierre. **Mundialización, ciudades y territorios**. Madrid. Editorial Ariel, 1996.

Trabalho enviado em abril de 2014
Trabalho aceito em junho de 2014